

# Espaço Sagrado, Tempo Absoluto

---

*Luiz Gonzaga Godoi Trigo<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Relato de uma viagem de reconhecimento à península de Monte Athos, Grécia, onde se localiza uma comunidade monástica da Igreja Ortodoxa com vinte grandes mosteiros que guardam os ritos e regras das antigas comunidades monásticas cristãs. São analisadas a geografia, história e cultura desse enclave monástico, bem como os procedimentos para se chegar ao local, o comportamento exigido dos visitantes e as proibições vigentes. Monte Athos é a maior comunidade cristã ortodoxa preservada no mundo e o turismo para a região é restrito, exigindo-se dos visitantes postura de peregrinação. Por essas características, é um dos destinos mais interessantes para quem está cansado do turismo de massa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo religioso; cultura; mosteiros; Monte Athos; Grécia.

*ABSTRACT: This paper reports a journey of recognition to the Athos Mount peninsula, Greece, where a monastic community of the Orthodox Church is located. With 20 large monasteries that still keep the ritual and rules of the ancient Christian monastic communities. It analyzes the geography, history and culture of this monastic enclave, the procedures to arrive at the site, the conduct demanded from foreign visitors and the prohibitions in effect. Athos Mount is the largest Cristian Orthodox community preserved in the world and tourism to this region is restricted and visitors are required pilgrimage behavior. For these characteristics, it is one of the most interesting destinies for those who are tired of mass tourism.*

**KEY WORDS:** Religious tourism; culture; monastery; Athos Mount; Greece.

---

<sup>1</sup>. Bacharel em Turismo e em Filosofia. Professor do Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCAMP. Doutorando em Filosofia de Educação da Universidade de Campinas.  
End. para corresp.: Rua Major Sólton, 634, apto. 141 - 13.091-024 - Campinas - SP - Brasil.

## Um Lugar muito Distante

Marion Zimmer Bradley publicou na década de 1980 *As Brumas de Avalon*, uma saga mágica das mulheres que se movimentavam nos bastidores da corte do rei Arthur. No romance havia o mundo do mosteiro de Avalon, o mundo das fadas e o mundo dos homens, todos situados no mesmo local, mas em dimensões diferentes, e o acesso se dava através de um barco, por entre as brumas misteriosas que escondiam a sutil passagem para o mundo dos mitos. Um outro autor que trata de espaços misteriosos é Lewis Carroll, em que a personagem Alice atravessa o espelho para explorar um território onde impera outro tipo de lógica, de organização social e de modo de vida. Essas imagens literárias passavam pela minha mente enquanto voltava no pequeno barco a motor para a Calcídia, saindo de Monte Athos, um lugar certamente situado entre as brumas do tempo, do outro lado do espelho da modernidade ocidental.

Tudo começou na minha primeira viagem à Grécia, em 1986, quando comentei que gostaria de conhecer o norte do país, com seus mosteiros antigos e repletos de tesouros artísticos, arquitetônicos e literários. Alguém me disse que o melhor lugar seria Monte Athos, a Montanha Sagrada (não confundir com o Monte Olimpo, a morada dos deuses gregos). Voltei para o Brasil e não consegui descobrir quase nada sobre esse lugar, tão ignorado nos trópicos sul-americanos. Um professor contou-me que Reine Maria Rilke havia escrito um livro de poemas sobre a Virgem Maria inspirado em gravuras de Monte Athos, pois o lugar é dedicado à mãe de Cristo. Era um belo livro, mas pouco podia me ajudar na viagem.

Haviam dois tipos de dificuldades: uma geográfica e outra político-religiosa. Geograficamente Monte Athos está localizado na Grécia setentrional, na região de Tessalônica, província da Calcídia, a poucas horas de carro da fronteira com a Turquia. É uma das três penínsulas que se projetam no sentido sudeste em pleno mar Egeu. As duas primeiras penínsulas (do ocidente para o oriente) chamam-se Kassandra e Sithonia e estão pontilhadas de pequenos portos pesqueiros, hotéis e pousadas que ficam muito lotados no verão. A terceira e mais oriental das penínsulas é Monte Athos, uma faixa com cerca de 50 km de comprimento e 8 a 12 Km de largura, com uma área de 335 km<sup>2</sup> que abriga um território escarpado, bastante árido e com trechos cobertos por florestas intocáveis. O conjunto da paisagem é dominado pelo azul profundo e límpido do mar Egeu e pelo cume pedregoso abrupto de Athos, o monte que dá nome à península, com 2.033m de altura. Athos é um enclave religioso cristão e monástico, controlado pela Igreja Ortodoxa Grega, abrigando vinte mosteiros (dezessete gregos, um russo, um sérbio e um búlgaro) e catorze "skites" ou pequenos conventos agregados aos mosteiros principais. Existem ainda pequenas casas isoladas, onde vivem dois ou três monges. e nos lugares mais inacessíveis das escarpas ou das florestas, longe dos olhares dos outros religiosos ou dos peregrinos, estão lapas e fendas onde vivem os eremitões em um cristianismo primitivo radical e solitário.

A segunda dificuldade provém do caráter religioso monástico que permite a entrada de apenas 120 visitantes por dia (110 gregos e 10 estrangeiros) em Monte

Athos e das autorizações que são bastante restritas e severas. É preciso ser peregrino ortodoxo ou de alguma maneira interessado na vida religiosa ou cultural local, para ser admitido. Só entram homens. As mulheres e as fêmeas de porte (vacas, éguas, cabras) são mantidas fora da península pela legislação local. Os monges são vegetarianos (no verão podem comer peixe) e não tomam leite, portanto não precisam das fêmeas dos animais. Cavalos e jumentos ajudavam no trabalho pesado, agora substituídos por caminhões, tratores e caminhonetes. Não se iluda. A estrutura social, a organização do trabalho e o modo de vida pouco mudou desde a fundação do primeiro mosteiro no século X, portanto o visitante pode experimentar o pleno contexto de um mundo medieval cristão, inclusive vivenciando o antigo calendário gregoriano e a contagem das horas regulada pelo nascer e pôr-do-sol.

## Uma História Sagrada

Monasticismo significa a renúncia individual do mundo e a opção por uma vida solitária para se atingir a salvação da alma através da meditação e íntima comunhão com Deus ou com os deuses, no caso de religiões politeístas. O fundamento da vida monástica cristã são os votos de pobreza, castidade e obediência e seus objetivos são alcançados através da disciplina e mortificação corporal, exercícios espirituais e uma absoluta devoção a Deus. Monte Athos é o maior e mais antigo centro monástico da cristandade. Para os religiosos do Leste europeu, é o farol da Igreja Ortodoxa e o símbolo da cristandade oriental.

A tradição afirma que a Virgem Maria, acompanhada de São João Evangelista, estava indo visitar Lázaro na ilha de Chipre quando uma tempestade obrigou seu barco a se afastar da rota traçada e seguir na direção noroeste até atingir a península de Monte Athos, onde o barco aportou em uma praia perto do atual mosteiro de Iviron. Após descansar, Maria ficou encantada com a beleza selvagem circundante e pediu a Deus que lhe dedicasse o lugar ouvindo em resposta uma voz que dizia: "este lugar é sua dádiva e seu jardim, um paraíso e um refúgio para aqueles que buscam a salvação".

A história demonstra que Athos foi durante séculos uma região escassamente povoada por pagãos que desconheciam o cristianismo e viviam dos poucos recursos da terra e do mar. A data exata do estabelecimento do primeiro mosteiro na área não pode ser determinada, tampouco como a vida monástica começou a ser vivenciada e posteriormente disseminada na península. Há registros no ano de 843, de que comunidades de Monte Athos participaram do Concílio organizado pela Imperatriz Theodora para discutir a restauração dos ícones sagrados. No século X foram estabelecidos os mosteiros de Vatopedi e Iviron e no século XI os mosteiros e abadias chegaram a 180. Mas a vida não era totalmente tranquila na península sagrada. Ataques de piratas e camponeses provocaram saques ou a destruição de vários mosteiros e foi nessa época que as mulheres e as fêmeas de animais foram totalmente banidas da Montanha Sagrada.

Durante a ocupação latina (1204-1261) a região sofreu com a repressão aos

ritos orientais e com os ataques sistemáticos dos piratas catalães. O número de mosteiros caiu para 25 e chegou a apenas 19. Houve um outro período de relativa prosperidade no século XVI, quando inclusive foi construído mais um mosteiro, o de Stavronikita, o que elevou seu número para 20, que se mantém até hoje. Com a Guerra da Independência da Grécia, em 1921, todo o progresso espiritual e intelectual sofreu uma paralisação.

Atualmente Monte Athos possui vinte mosteiros habitados, número limitado e definido por uma carta constitucional. Na capital Karyes pode-se encontrar restaurantes, pousadas, lojas, correio, um pequeno posto policial, além da sede administrativa formada por monges representantes de cada mosteiro. Quase 2 mil religiosos e cerca de 1.500 leigos (todos homens, evidentemente) vivem ou trabalham temporariamente em Monte Athos. Cada mosteiro tem um governo autônomo e até mesmo a autoridade do Patriarca Ortodoxo, maior autoridade da Igreja Ortodoxa, ali é limitada às questões espirituais. Os mosteiros antigamente adotavam dois tipos de vida monástica: idiorrítica e cenobita. A partir de 1992 todos se tornaram cenobitas. A diferença é que nesses últimos tudo é comunitário: alojamento, trabalho, alimentação e orações, enquanto nos outros apenas a moradia e as orações eram comuns, ficando o trabalho e a alimentação ao gosto de cada um. A palavra cenobita vem do grego *Koinopion* que significa “vida em comum”.

De acordo com a Constituição grega, Monte Athos é um território autônomo do Estado grego.

### Todo Espelho tem Duas Faces

Comecei a preparar minha viagem com alguns meses de antecedência. Tinha poucas informações específicas de como chegar e sabia que deveria obter uma permissão especial de entrada em Atenas ou Tessalônica, mas desconhecia quais e onde exatamente estavam os caminhos burocráticos. Embarquei no início de dezembro de 1995 em um voo para a Tessalônica com escala em Frankfurt (Varig-Lufthansa), viajando com uma carta formal de apresentação do arcebispo católico de Campinas que também é grão-chanceler da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Aterrisei em uma manhã fria e chuvosa, com vento forte castigando o pequeno aeroporto de Tessalônica, capital da antiga região de Alexandre, o Grande.

A chegada na Grécia é sempre excitante para quem gosta de filosofia ou história. Quando as montanhas apareceram sob as nuvens pesadas e logo depois o mar Egeu fez contraste com as terras, lembrei-me do historiador Fernand Braudel ao sentir-me novamente no berço do ocidente, em pleno Mediterrâneo, onde a civilização ocidental começou a se formar a mais de trinta séculos e se disseminou por todo o planeta.

Meu desembarque foi rápido e peguei um ônibus para o centro da cidade e escolhi um hotel. Andei um pouco pela cidade para me familiarizar e comecei a peregrinação para obter o visto especial de entrada em Monte Athos. Fui ao escritório de Athos onde consegui apenas uma declaração sem nenhum valor

oficial, apenas religioso. Voltei ao hotel e passei a noite lendo o guia da Macedônia que peguei no aeroporto e o novo mapa europeu da Michelin para planejar meu roteiro.

No dia seguinte fui ao Ministério dos Assuntos Externos da Macedônia (região norte da Grécia cuja capital é Tessalônica), um palácio no estilo burocrático-decadente, até bonito, onde uma mulher, típica funcionária pública, me mandou voltar às 10h, horário que o escritório que emitia os vistos estaria aberto (sala 222). Eram 9h50. Voltei quinze minutos depois e ela perguntou o que exatamente eu iria fazer na Montanha Sagrada. Ouviu com ar de dúvida e me pediu o passaporte, dizendo que uma carta de apresentação da minha Igreja (Católica, no caso) ou da universidade seria indispensável. Apresentei a carta do Arcebispo escrita em francês e o salvo-conduto foi emitido na hora. Fiz meu *check out* no hotel e peguei o ônibus para a cidade de Ouranópolis (a Cidade do Céu, em grego), às 14h30, do dia 5 de dezembro.

O ônibus percorreu os 150 km entre Tessalônica e Ouranópolis em duas horas e meia. A viagem começa pelas ruas e avenidas congestionadas da Tessalônica, segue por um trecho de auto-estrada e depois se embrenha por estradas secundárias que corta pequenas e interessantes cidades como Arnea, Paleohori, Neohori, Estagira (cidade natal de Aristóteles, com sua estátua em pose contemplativa), Ierissus, Nea Roda e finalmente Ouranópolis.

Cheguei com o crepúsculo e a lua cheia brilhando no céu. Antes de entrar na cidade, ao descer a última pequena serra em direção ao mar, vi as penínsulas recortadas contra o mar e o Monte Athos destacando-se imponente na paisagem. Fiquei em um pequeno hotel, bem em frente à praia, na cidadezinha de veraneio, quase deserta em pleno inverno. Dormi às portas da Montanha Sagrada, onde a mais de mil anos os monges celebram diuturnamente o nome daquele carpinteiro judeu, de sua mãe e de vários seguidores já mortos e lembrados como santos.

No dia 6 de dezembro levantei bem cedo e fui trocar o documento do governo pela permissão eclesiástica de entrada na representação do governo de Monte Athos, ao lado do porto. Embarquei em um pequeno navio com um motor diesel e saímos às 10h, costeando a península em uma viagem de duas horas até o porto de Dafni. O espetáculo não se fez esperar. Após passarmos a linha divisória que separa o enclave monástico do resto do território grego, bem no início da península, apareceram pequenas casas de monges e a seguir os mosteiros encravados nas escarpas das rochas ou construídos a poucos metros das praias pedregosas cobertas pelas águas cristalinas do mar Egeu.

A bordo, alguns monges regressando às suas casas, jovens profissionais gregos e ortodoxos indo para um retiro espiritual, um deputado australiano com comitiva e mais alguns passageiros, inclusive um pai com um garotinho de uns 5 anos de idade. Chegamos em Dafni e cada um foi para o seu destino. Peguei um outro barco para o mosteiro de Simonos Petras.

A primeira visão do mosteiro, conhecido apenas através de pálidas fotos, ainda do mar, superou qualquer expectativa ou sonho. O mosteiro é uma imponente massa rochosa erguida a 230m de altura em um maciço pedregoso escarpado. O

edifício é um retângulo multifacetado com sete andares e varandas em cada andar, envolvendo quase todas as suas faces, em estilo típico do mediterrâneo helênico. Subi a trilha, que liga a praia ao mosteiro, com mais quatro senhores gregos que estavam em peregrinação e foram muito gentis comigo, apesar de eu ser católico.

Os gregos ortodoxos não morrem de amores pelos católicos, mas os recebem bem como peregrinos, apesar de alguns monges idosos não entenderem o que eu estava fazendo por lá. Dois deles, inclusive, disseram claramente, em um inglês rudimentar ajudado por gestos, que o Papa era Satanás. Não liguei ao comentário e disse que no Brasil não havia esse tipo de conflito entre católicos e ortodoxos, o que lhes causou grande admiração. A subida demorou cerca de meia hora e chegamos ofegantes, com calor apesar dos 10°C, sedentos e famintos, mas os monges são sábios. Em toda sala de recepção dos mosteiros os peregrinos são recebidos com Tsipuro (uma aguardente de vinho bem forte), com doce turco feito de açúcar e mel, e com água e café, tudo para recuperar as forças depois das caminhadas. Menos de quatro horas de viagem em Athos e já me sentia um “*benandanti*” medieval, qualquer semelhança com *O Nome da Rosa* não é mera coincidência. Após nos instalarmos, fomos para o serviço religioso que durou duas horas. Às 15h30 nos levaram (graças a Deus) para jantar, última refeição do dia.

Felizmente havia lido a respeito das refeições. Todos, monges e leigos, fazem as refeições em conjunto, cada grupo em um lado do refeitório. É feita uma breve oração e as pessoas sentam-se em silêncio. A um sinal do Abade todos começam a comer em silêncio, ouvindo a leitura de um texto sagrado.

A refeição dura no máximo uns dez minutos. Acabada a leitura, o Abade toca um sino e todos param de comer, levantam-se para fazer outra breve oração e em seguida se retiram. Sabendo da exiguidade do tempo, assim que foi dado o sinal, logo comecei a comer a minha parte (que era bastante generosa) e me levantei da mesa saciado. A comida é simples, nutritiva e saborosa. Naquela tarde serviram macarrão ensopado, azeitonas, pão com geléia de pêssego, maçã e água. Fomos dormir às 18h, enquanto um vento violento soprava as montanhas, deixava o mar encapelado e rugia pelas paredes imensas e pelos corredores externos do mosteiro. Demorei muito para pegar no sono. Dormi com os peregrinos gregos em um dos quartos para visitantes, convenientemente aquecido e limpo como é comum nos mosteiros cristãos.

Há um outro tempo em Athos. Ao pôr-do-sol, em vários mosteiros, o relógio mostra doze horas e o calendário regride treze dias, o calendário gregoriano cede lugar ao juliano e as horas das atividades cotidianas são regidas pelo tempo das orações. Acordamos às 2 da manhã e fomos à missa. Estava cansado pelo *jet leg*, pela noite pouco dormida e novamente esfomeado. A missa acabou às 5h30 e depois subimos para conversar um pouco com um monge venerável, logo após uma rodada de café, doce turco e água. Éramos onze pessoas: oito gregos, um menininho também grego, o monge e eu. Um senhor, grego militar aposentado, e o monge monopolizaram a conversa e os outros ouviam silenciosamente e respeitosamente. Eu lá estava sem entender absolutamente nada, mas quieto na roda. Depois, um jovem australiano, filho de gregos, me traduziu parte da conversa para o inglês. Ele era

recém-formado em arquitetura e saiu para uma viagem de seis meses pela Europa e Estados Unidos, como fazem quase todos os australianos e neozelandeses ao final dos estudos superiores, um meio de saírem de suas ilhas e conhecerem o planeta.

Foi interessante ouvir a opinião de um jovem instruído sobre a Igreja Ortodoxa e o modo de vida de seu principal enclave monástico. Ele me disse que Athos é realmente um farol, uma referência bastante respeitada por todos, apesar de ser conservador em essência. O almoço foi servido às 9h e ofereceram arroz com legumes, azeitonas (presentes em todas as refeições gregas), uma pequena laranja, kiwi e pão. Às 10h30 um carro do mosteiro, pilotado por um monge habituado a trilhas estreitas rodeadas de abismos, nos levou para o porto de Dafni e de lá segui para o mosteiro de Iviron.

É impossível em três noites e quatro dias (o máximo de tempo permitido para estada) visitar todos os mosteiros e pequenos claustros existentes em Monte Athos, portanto a solução é escolher alguns deles e andar muito pelos caminhos de terra, tentar caronas nos caminhões e caminhonetes dos religiosos ou usar as poucas linhas regulares de barcos ou de ônibus. A escolha de Iviron revelou-se muito acertada. É um mosteiro antiquíssimo edificado a poucos metros do mar, cercado por um pequeno muro que emoldura um portão monumental, com uma vasta área de canteiros de hortaliças na parte frontal e uma floresta arquetípica na faixa que separa a estreita planície das montanhas. É uma mata selvagem que chega até a beira do mar Egeu, cujas ondas molham o quebra-mar de pedras quando estão em período de ressaca. O edifício é uma verdadeira fortaleza com paredes maciças e as primeiras janelas situam-se a uma altura de cerca de 20 metros. Fiquei sozinho em um quarto com três camas, paredes com um metro de espessura, um fogão para aquecimento alimentado a madeira. A porta fechava, mas não trancava, nem por dentro nem por fora. Não há eletricidade em Iviron (alguns mosteiros têm essa concessão à tecnologia).

Passei parte da noite escrevendo no meu diário ao lado da janela, iluminado por uma lamparina a óleo, sob o calor poderoso do fogão. Lá fora a escuridão sem nenhum ponto de luz, o perfil das montanhas e de algumas árvores recortado o céu e a lua quase cheia completavam o cenário de tranquilidade e distância do “século”. O corredor abobadado era iluminado escassamente por alguns lampiões pendurados no teto que mal afastavam as trevas hibernais. O lugar é perfeito. A gente se sente em um filme, um romance ou um livro de história, evidentemente sobre a Idade Média. A perfeição acontece devido à atmosfera espiritual presente, à essência religiosa do complexo e à realidade arcaica absoluta decorrente dos edifícios e entornos meticulosamente preservados nos jardins, nos pátios internos, corredores e salas.

É uma atmosfera completamente diferente da hiper-realidade ou da realidade virtual das reconstruções históricas destinadas ao olhar turístico ou dos parques temáticos dos “mundos” Disney que “reconstroem” o antigo. É diferente também dos conjuntos isolados de ruínas como Micenas e Delfos, na Grécia, ou Tomar, em Portugal. Esses lugares estão mortos, perderam sua pujança e deixaram apenas a carcaça, interessante é claro, mas ocas e cristalizadas em um passado que

inexoravelmente se foi na imensidão misteriosa do tempo. Athos tampouco tem a ver com os complexos medievais tombados através de toda a Europa e que servem de peregrinação ao turismo organizado, cidades tomadas pela multidão com seus recantos transformados em templos de consumo, como acontece em Óbidos (Portugal), Toledo (Espanha), Assis (Itália), Praga (República Tcheca) e outras vilas do continente europeu. Também se diferencia dos museus-ambiente preservados e congelados no tempo, como os castelos do Vale do Loire ou da Alemanha.

O que impressiona em Agion Oros (o nome grego de Monte Athos) é sua extensão que o faz parecer um pequeno país e a força que dele emana. Através da preservação rígida e sistemática da Igreja Ortodoxa, a península adquiriu uma vitalidade e um dinamismo impressionantes. Ali é o ponto mais próximo que se pode chegar de uma viagem no tempo. A vitalidade expressa-se de duas maneiras: na arquitetura, através da inúmeras obras de manutenção ou reforma efetuadas em vários edifícios; e no lado humano, pelo número de religiosos provenientes de outros países ou da Grécia e pelo número de jovens noviços.

Visitei o seminário de Karyes, a escola eclesiástica Athoniada, e encontrei um lugar alegre e barulhento, animado por mais de 70 crianças e adolescentes (todos do sexo masculino, é claro) esperando ansiosamente o Principal (reitor) chegar para um almoço em comum.

Nos pequenos portos, nas estradas e em muitos mosteiros vê-se um tráfego de carros, caminhões e máquinas de obras civis se movimentando febrilmente. Operários leigos fazem as obras de reparo e reconstrução. Energia elétrica e telefones públicos com cartão foram instalados em pontos estratégicos. Tudo isso convive com a atmosfera religiosa, sem descaracterizar sua “aura” histórica, artística e espiritual. Se fosse a trezentos ou setecentos anos atrás também veríamos sinais do mundo exterior como carroças, cavalos, carruagens e leigos trabalhando.

A estrutura de Athos permanece ancorada na atemporalidade histórica, na transcendência que a religião tenta passar ao ser humano. Ali a natureza e a cultura se complementam e convivem em um projeto à parte do mundo secular, seja capitalista ou ex-socialista. Um mundo onde a pós-modernidade sequer é imaginada, pois nem ainda chegou à modernidade, portanto está à margem das contradições epistemológicas e éticas de nosso tempo, pelo menos até este final do século XX. No Monte Santo o tempo não se conta em século, é eterno.

### Bibliografia

- KADAS, Sotiris. 1994. *Mount Athos. An illustrated guide to the monasteries and their history*. Atenas: Ekdottike Athenon.
- LOCH, Sidney. 1971. *Athos - The Holy Mountain*. Thessaloniki: Librairie Mollho.